

IMPRENSA

TEATRO
NACIONAL
DE LUZIA

gabinete de edição, apoio literário e centro de documentação

fonte	data	página
PÚBLICO	18 de Março de 1993	32

UMA MULHER que sobrevive aos funerais de 19 maridos ("um Landru de saias") e que, no vigésimo casamento, dá à luz um bebé com 87 quilos, sobredotado e déspota: tais são as monstruosidades que Viana do Castelo pode ver hoje mesmo no Teatro Sá de Miranda.

"Gladiadores" é uma peça de Alfredo Cortez (1880-1946), escrita no pino do Inverno salazarista (1934). Caricatura desenfreada, passível de tantas leituras simbólico-políticas que ninguém, na altura da estreia (no Teatro Nacional, com os lendários Alves da Cunha e João Villaret) conseguiu entender patavina (à saída, até se dizia que o Dona Maria podia passar a chamar-se Miguel Bombarda)

Na "História do Teatro Português", Lucia-na Picchio detecta na peça sinais do expressionismo alemão, do surrealismo e do experimentalismo de Pirandello. É certo que há ecos de Pirandello no prólogo, quando o elenco masculino vem dizer ao público que deserta e prefere deixar o palco às actrizes. O clima estranho pode confundir-se com expressionismo. O bebé gigante, comilão e cruel faz lembrar a única peça de teatro surrealista digna desse nome, "Victor ou as Crianças no Poder", de Vitrac. Mas a personagem é muito anterior ao surrealismo: o quinhentista Pantagruel, filho de Gargântua, já tinha essas características que legou ao "Rei Ubu", de Jarry.

Mas com ou sem "background", o bebé dos "Gladiadores" é, na literatura dramática portuguesa, uma criação ousada, singularíssima. Toda a peça é o que se pode chamar uma orgia paródica que está para o teatro naturalista como "Fígados de Tigre", de Gomes de Amorim,



está para o teatro ultra-romântico do século anterior.

"Gladiadores" é também uma sátira moral e política, uma "pièce à clef". Inepta, já que não chegou a fazer-se entender pelo público da sua época e não atinge eficazmente o de hoje. Um dos mais esforçados críticos de 1934 dá nomes aos monstros: a mãe é a Ideologia Política, o pai é a Força (Armada?) e o filho é o Extremismo. Há, além destas, mais oito personagens masculinas e sete femininas, encarnações de idealis-

mos, paixões, instintos políticos de vários matices.

O que salva a farsa é, afinal, o que ela tem de mais secundário: as situações cómicas e de crítica acerada ao quotidiano de 1934, que, no essencial, é o nosso quotidiano consumista, escravo do "marketing" e dos "media".

Não falta uma "charge" ao feminismo (de cachimbo e boquilha) e uma evocação da luta anarco-sindicalista. E não há na dramaturgia portuguesa nada mais cómico e actual do que a

caricatura da imprensa escrita e falada (ainda não havia TV), monstros vorazes e encarniçados contra a vida privada.

A sequência dos repórteres a invadir a casa da família protagonista, quando nasce o bebé, é a mais conseguida deste espectáculo do Teatro do Noroeste, dirigido por Castro Guedes. O cenário é um anfiteatro (sugerido pelo título "Gladiadores") que proporciona ao encenador uma ocupação muito dinâmica do espaço.

Usa a teia e recorre aos alçapões com imaginação, joga com panejamentos, espelhos e cortinas, conseguindo um espectáculo colorido, vistoso, por vezes feérico, sem deixar de ser eficaz na transmissão da mensagem do autor. Até onde ela é possível. O elenco de 19 actores é equilibrado, afinadíssimo. Viana conhece-o bem, não é preciso dizer-lhe que o vá ver e aplaudir. ■

GLADIADORES

AUTOR ALFEDO CORTEZ

ENCENADOR CASTRO GUEDES

CENOGRAFIA CATARINA AMARO

MÚSICA SÉRGIO ECHEVERRI

COM ANA BRANCO, ARMANDA SANTOS,

CONCEIÇÃO GONÇALVES, LÍGIA DUARTE,

MARIA JOSÉ MIRANDA, RAQUEL DE

SOUSA, TERESA VAZ, VERA AZEVEDO,

ALEXANDRE PASSOS, A. NEIVA, GIL FI-

LÍPE, J. FILGUEIRAS, LUCILO VALDEZ,

M. GERAZ, MÁRIO TIMÓTEO, PORFÍRIO

BARBOSA, RUI BARBOSA E VALDEMAR

DE SOUSA

VIANA DO CASTELO Teatro Sá de Miranda. De 3ª a dom., às 21h30;

dom. também às 16h.